

Celso Furtado, Raúl Prebisch frente à crise do desenvolvimentismo da década de 1960

Fágner João Maia Medeiros¹

Daniel do Val Cosentino²

Área 1. Metodologia e História do Pensamento Econômico

Resumo:

Os anos de 1960 marcam uma profunda crise no pensamento desenvolvimentista na América Latina. O projeto de industrialização, conforme teorizado pelos estruturalistas da Cepal, demonstra sua inviabilidade na reversão do subdesenvolvimento. Em vista disso, em busca de compreender como dois renomados intelectuais expoentes do desenvolvimentismo interpretam tal crise, o estudo assume por objetivo identificar aproximações e distanciamentos entre o pensamento desenvolvimentista de Raúl Prebisch e Celso Furtado posteriores à Crise do Pensamento Desenvolvimentista dos anos de 1960 na América Latina. Apesar de enfoques distintos, tais autores presenciam com a crise uma tomada de consciência. Deste modo, surge a necessidade de compreender a estrutura social da região e os seus mecanismos que atuam entorpecendo o desenvolvimento.

Palavras-chave: Raúl Prebisch (1901-1986), Celso Furtado (1920-2004), Desenvolvimentismo, América Latina, Cepal.

Abstract:

The 1960's mark a profound crisis in the development thinking on Latin America. The industrialization project, according to theorized for structuralists of ECLAC (or Cepal), demonstrates its inviability on the reversal of underdevelopment. In view thereof, seeking to understand how the two renowned intellectuals exponents of development interpret the crisis, the study assumes as objective identificare approximations and retraction between the developmentalism thinking of Raúl Prebisch and Celso Furtado after the Crisis of Development Thinking of 1960's in Latin America. Despite different approaches, these authors with the crisis observe the emerge the necessity of understand the social structure of the region and its mechanism that act numbing the development.

Keywords: Raúl Prebisch (1901-1986), Celso Furtado (1920-2004), Developmentalism, Latin America, ECLAD.

Introdução

Raúl Prebisch ao lado de Celso Furtado foram renomados economistas latino-americanos com grande impacto intelectual e ideológico no que se refere ao desenvolvimento da América Latina. Tais autores colaboraram com a construção de um pensamento original e duradouro, permitindo-os figurar como expoentes do estruturalismo latino-americano.

¹ Mestrando em Desenvolvimento Econômico pelo IE/UNICAMP.

² Doutor em História Econômica pela USP e docente do Departamento de Economia da UFOP.

No pós-guerra, com a criação da Comissão Econômica para América Latina e o Caribe (Cepal) as discussões relacionadas ao subdesenvolvimento recebem centralidade, glutinando por grande parte das camadas sociais uma ideologia que objetiva a superação do subdesenvolvimento: o desenvolvimentismo. Neste período, Prebisch e Furtado foram arquitetos do desenvolvimentismo dentro da Cepal, Prebisch por questionar incisivamente as teorias do comércio internacional prevalecentes na época, inferindo que o comércio internacional, sob as rédeas da divisão internacional do trabalho, atuava dividindo o mundo em dois extremos, no que tange o nível de renda e produtividade, havia uma divisão centro-periferia (PREBISCH, 2011). Furtado, por sua vez, por desafiar as formulações dos clássicos da Teoria do Desenvolvimento que tratavam o subdesenvolvimento como uma questão evolutiva, ou de etapas superadas³. O subdesenvolvimento na percepção de Furtado é um fenômeno de nítido fator histórico, onde não há etapas históricas comuns entre os países, mas sim uma condição específica, ou subproduto, do resultado da evolução do desenvolvimento capitalista (FURTADO, 2009).

Deste prisma, havia uma convergência teórica e metodológica no pensamento de ambos os autores, e o cerne deste pensamento sinalizava para a necessidade de um projeto de industrialização, comandado deliberadamente pelo Estado, como única via de superação do subdesenvolvimento da região. Na década de 1950, tal projeto se concretizou como apoio a intensificação do processo de substituição de importações já praticado em alguns países latino-americanos. O sucesso deste projeto era identificado pelas elevadas taxas de crescimento que vigoraram ao longo da década, e por profundas transformações na estrutura produtiva da região. Entretanto, na década de 1960 uma crise marca o esgotamento deste processo, uma vez que a industrialização estava sendo acompanhada pelo avanço da marginalização e do desemprego. É importante aqui entender que tal crise sobrepõe efeitos ao lado real e monetário da economia, pois se desdobra em uma crise teórica, uma Crise do Pensamento Desenvolvimentista.

A crise do desenvolvimentismo nascia junto com o aparecimento de contradições no modelo de desenvolvimento formulado pela Cepal. Diante disso, havia uma pressão sob os autores da Cepal para que reformulassem suas concepções a respeito do subdesenvolvimento da América Latina, pois a industrialização, por si só, demonstrava não ser capaz de superar a condição subdesenvolvida da América Latina. Deste modo, em busca de compreender como dois ícones do pensamento desenvolvimentista compreendem esta crise, o estudo parte do seguinte problema de pesquisa: frente à crise econômica e, conseqüentemente, também do pensamento desenvolvimentista que assola a América Latina nos anos de 1960, como Furtado e Prebisch interpretaram tal crise e como tais

³ A obra de Rostow *As etapas do Desenvolvimento Econômico* (1974) reflete a visão prevalecente na época.

interpretações ulteriores contribuíram para novas formulações teóricas com relação ao tratamento do subdesenvolvimento da América Latina?

Ambos os autores têm conclusões semelhantes com respeito a crise, nos termos de Prebisch e Furtado era necessário promover intensas reformas estruturais – na estrutura da renda e da terra – para continuidade do processo de desenvolvimento. Contudo, é possível notar que o ponto de partida de ambos os autores diverge, tendo Prebisch sua atenção direcionada a problemática do desemprego estrutural (PREBISCH, 1968). Já Furtado verifica na crise uma tendência à estagnação no processo de industrialização com a implementação do setor de bens de consumo duráveis e bens de capitais (FURTADO, 1968). Devido a tais divergências, o estudo assume por objetivo geral identificar aproximações e distanciamentos entre o pensamento desenvolvimentista de Raúl Prebisch e Celso Furtado posteriores à Crise do Pensamento Desenvolvimentista dos anos de 1960 na América Latina.

No que tange a metodologia, o estudo parte de uma seleção das principais obras que expressão a interpretação da crise dos anos de 1960 por parte dos autores. Furtado tem sua resposta à crise nas obras *Dialética do Desenvolvimento* (1964) e *Subdesenvolvimento e Estagnação na América Latina* (1968 [1966]). As obras de Prebisch que dialogam com o período de crise são: (i) *Dinâmica do desenvolvimento latino-americano* (1968 [1963]); *Transformação e Desenvolvimento* (1973 [1970]). Destarte, a pesquisa se estrutura em cinco seções, sendo a primeira (i) crise do pensamento desenvolvimentista da década de 1960, busca apresentar a crise dos anos de 1960 e o empasse em que Prebisch e Furtado vivenciaram. As duas próximas seções, (ii) Raúl Prebisch e crise de insuficiência dinâmica, e (iii) Celso Furtado e a tendência inexorável a estagnação, expõe a interpretação da crise de ambos os autores; a quarta seção, (iv) breves considerações sobre o pensamento dos autores, faz um esforço de esquematização e síntese do pensamento dos autores, e por último, as (v) considerações finais, onde são retomadas as principais observações realizadas nas seções anteriores.

2. A Crise do Pensamento Desenvolvimentista da Década de 1960

Na América Latina, o projeto de industrialização praticado ao longo do pós-guerra logrou num ciclo expansivo que promoveu transformações radicais na estrutura econômica-social da região. Serra (1998) – tendo o Brasil como exemplo – aponta que o êxito de tal projeto supera as elevadas taxas de crescimento combinada com níveis suportados de inflação apresentadas ao longo do período. Havia também no Brasil uma modificação na composição da estrutura econômica, reduzindo significativamente a participação da agricultura, passando de 24,9 por cento no ano de 1949 para 19,2 por cento em 1959. Já o setor industrial traçou o caminho inverso, adquirindo um considerável protagonismo, passando no mesmo período de 26 por cento para 32,6 por cento. No caso do setor

externo, apresenta um notável “fechamento” da economia no que se refere às importações, em contrapartida, uma evidente diversificação da pauta de exportações.

Tais modificações expostas acima fazem parte das propostas de pensadores como Raúl Prebisch e Celso Furtado, ambos os autores foram expoentes do desenvolvimentismo e contribuíram ao longo da década de 1950 tanto com suporte teórico, quanto dentro da Cepal com produção de relatórios para orientação dos *police makers* de toda América Latina. A prosperidade econômica apresentada neste período justifica a importância dada a década posterior no pensamento de Prebisch e Furtado, uma vez que os anos de 1960 marcam uma profunda crise que desarticula os pressupostos da estratégia de desenvolvimento elaborada ao longo da década de 1950. De acordo com Lessa (2005), esta crise representa um ponto de inflexão no pensamento de Furtado – o mesmo pode ser pensado para Prebisch –, uma vez que o autor passa a se dedicar na compreensão de como a periferia não foi capaz de reproduzir os padrões de vida do centro.

A crise da década de 1960 se manifesta primeiramente com a queda dos indicadores econômicos nos países latino-americanos. O crescimento econômico entre o intervalo de 1960 e 1964 cai para apenas 0,3 por cento ao ano, em consonância a isso, o recrudescimento das taxas de desemprego e pressões inflacionárias se dispersavam entre os países latino-americanos, ademais, desequilíbrios na balança comercial sinalizavam limitações na capacidade de importar, sendo uma condição fundamental para a dinâmica do processo substitutivo (BIELSCHOWSKY, 2000a).

Parece inegável que o início da década de 1960 representa uma ruptura com o ciclo expansivo da fase anterior. Porém, é necessário entender tal crise em seu sentido mais profundo, e sob suas diversas faces, isto é, se afastando da mera aparência deste fenômeno. O Primeiro passo seria entender o esgotamento do processo de substituição de importações. Rodríguez (2009) explica o evento a partir de uma dupla determinação. Primeiro, é preciso compreender a dinâmica e a evolução do processo substitutivo, pelo qual, é realizado em etapas. Após a segunda metade da década de 1950 se empreende a instalação da indústria pesada: indústria química e metal mecânica, configurando um novo padrão industrial que vem ampliando a necessidade de proteção, e exigindo vultosos investimentos tanto do setor público, quanto estrangeiro – na forma de investimento externo direto. Na década de 1960 alguns dos países da América Latina já partiam para uma nova etapa do processo, a implementação do setor moderno, sendo: a indústria de bens de capital (BK) e de bens de consumo duráveis (BCD). A composição desses novos setores é marcada pela participação de transnacionais, ao lado da tecnologia absorvida dos grandes centros, visto que ela provoca o aumento do coeficiente de capital e demanda exigências de um mercado cada vez mais amplo.

O segundo determinante alude às alterações geopolíticas hemisféricas do período, a Guerra Fria, onde os EUA gradualmente, retirava seus compromissos financeiros com a América Latina, tendo sua política externa cada vez mais pautada pelo enfrentamento com a União Soviética. Deste

modo, a Europa e a Ásia se tornaram áreas de maior prioridade. Conforme Pollock (1987), diversos órgãos internacionais⁴ criados no período adotam uma configuração política coincidente com a proposta da Cepal. Contudo, o agravamento da revolução cubana insere a região no mapa da Guerra Fria. A partir de então, a política de segurança dos Estados Unidos passa a comprometer a autonomia dos Estados latinos⁵.

Outro aspecto está na crise sócio-política enfrentada por alguns países latino-americanos. O novo panorama da década de 1960 acelera a manifestação das insuficiências do projeto desenvolvimentista. A industrialização formou novos grupos sociais, ampliando pressões sobre o sistema político. Emerge tanto movimentos contestatórios do campo por não se sentirem inseridos no projeto de desenvolvimento, quanto organizações de trabalhadores nas cidades, junto a isso, havia o desgaste do protagonismo da burguesia nacional ao passo em que a industrialização se ancorava, de forma cada vez mais presente, ao capital estrangeiro.

Não o suficiente, a crise da década de 1960 retirou dos estruturalistas da Cepal a posição de monopolista na interpretação do subdesenvolvimento da América Latina. Um grupo de pensadores intitulado como “teóricos da dependência”, veem na crise a necessidade de compreender as limitações do desenvolvimento latino-americano em contraponto às grandes hegemonias, tendo por expoentes: Ruy Mauro Marini, Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto, Theotônio dos Santos. De forma geral, estes autores acusam o projeto da Cepal de apenas agravar a condição de subdesenvolvimento, uma vez que a abordagem dos cepalinos não se preocupavam com problemas resultantes do desenvolvimento capitalista, tais como: exploração, concentração de capital, apropriação privada, entre outros (Duarte, Graioli, 2007). Para Carmo Sobrinho (2001, p. 8), estes autores objetivam “superar as insuficiências da teoria da CEPAL e dar conta das especificidades do desenvolvimento capitalista na América Latina”.

A partir de então, se tornava evidente a existência de uma crise no plano mais profundo, o teórico, sendo o ponto central deste estudo. Como alega Serra (1976), os anos de 1960 se resumem pela erosão do sonho desenvolvimentista, a industrialização perde seu dinamismo nos países latino-americanos, por consequência de contradições e desequilíbrios que ela mesmo engendra e, em alguns casos, aprofunda. A industrialização manifestava seu esgotamento provocando uma urbanização descontrolada, assim promovendo o deslocamento da miséria das zonas rurais alcançando zonas urbanas, elevadas taxa de desemprego e, conseqüentemente, instabilidade política e conflitos sociais em alguns países, se torna evidente o fato de que apenas uma pequena parcela da população tem se beneficiado dos frutos do desenvolvimento.

⁴ Como exemplo, foram criados a Operação Pan-Americana (OPA), Aliança para o Progresso e Banco interamericano de desenvolvimento (BID) (RODRÍGUEZ, 2011).

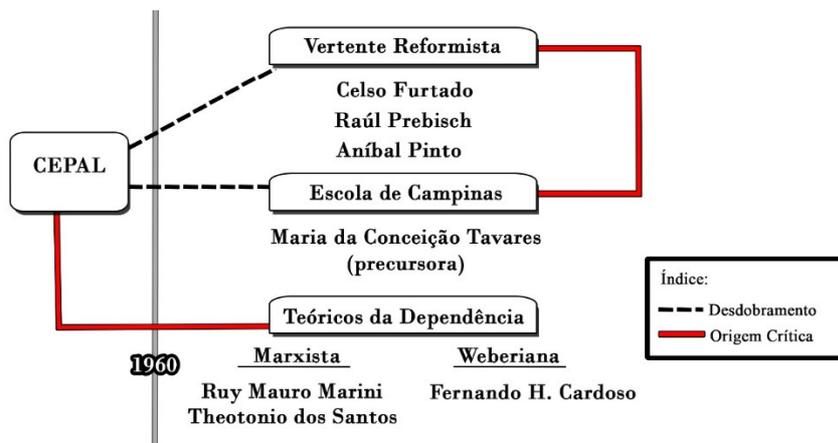
⁵ Após o ano de 1964, diversos países do Cone Sul são atingidos por golpes de Estado prevalecendo regimes ditatoriais (RODRÍGUEZ, 2009).

A luz desses determinantes, os teóricos da Cepal percebem que nem mesmo o bom planejamento econômico em favor da industrialização superaria os entraves estruturais da região. Tais Fatores expostos anteriormente não foram previstos aos que pensavam a industrialização como solução a gargalos econômicos e sociais. Bielschowsky (2000, p. 409) alerta que esta nova conjuntura se desdobra em uma crise teórica, pois:

ocorreu uma crise no pensamento desenvolvimentista, expressa na literatura de então. O projeto de industrialização planejada, que vinha orientando de forma mais intensa o pensamento dos economistas brasileiros, deixou de ser o núcleo ideológico das propostas e análises econômicas.

Dentro deste panorama, se estabelece um acentuado confronto entre alternativas de desenvolvimento e novas percepções com relação ao subdesenvolvimento da América Latina. A década de 1960 se desdobra em um debate, onde autores como Prebisch e Furtado se veem sob o compromisso de reformular suas concepções, e elaborar uma resposta à crise. A figura abaixo (FIG. 1) representa uma tentativa de mapear o debate prevalecente na época.

Figura 1: Debate teórico do desenvolvimento da América Latina na década de 1960



Fonte: realizado pelo próprio autor.

No que tange o debate, Furtado e Prebisch enveredam por um receituário reformista, ao identificar um bloqueio estrutural no desenvolvimento da América Latina⁶. A vertente reformista apontada a cima inaugura o debate da crise, a mesma retrata os teóricos da Cepal que apontam que o desenvolvimento econômico necessita de acompanhamento de profundas modificações no aparato institucional e reformas de base – reforma agrária e na estrutura distributiva –, sendo o único modo de dar seguimento a um processo de industrialização planejado. Bielschowsky (2000) sublinha que

⁶ Neste caso, é pertinente reconhecer uma diferença primordial do economista Aníbal Pinto (2000) nesta vertente. Embora o Aníbal reconheça a importância das reformas estruturais, o autor discute a possibilidade de diferentes estilos de desenvolvimento, portanto, negando a existência de algum tipo de limitação estrutural no processo de industrialização periférico.

pela primeira vez o cerne do debate econômico tomava rumos distintos, retirando prioridade das preocupações tradicionais do desenvolvimentismo, como: comércio, estrutura produtiva, entre outros.

Como já relatado, os teóricos da dependência se inserem no debate com a crítica à Cepal. Duarte e Graioli (2007) propõe uma divisão da teoria da dependência em duas vertentes principais, sendo Marini e Theotônio dos Santos da vertente marxista, e Cardoso e Faletto da vertente weberiana. As críticas não se encerram por aí, é importante ter em mente que mesmo autores expoentes do estruturalismo latino-americano encontraram caminhos distintos, em oposição a vertente reformista. Tavares (1977) identifica nesta crise a transição para um novo padrão de desenvolvimento com traços mais desfavoráveis da exclusão social, porém sem que se perca a dinâmica do processo de desenvolvimento. Em outros termos, a crise não passava de uma crise cíclica, o processo de industrialização não havia esgotado, apenas exigia um novo bloco de investimentos para continuidade do processo. Tal interpretação é tida como precursora do que posteriormente será conhecido como Escola de Campinas.

Diante das novas circunstâncias, Furtado e Prebisch se inserem no debate da crise tendo consciência de que precisariam ampliar seu escopo teórico para capacitar um diagnóstico mais eficaz com respeito ao subdesenvolvimento da América Latina, mas claro, sem abandonar o método estruturalista. Desta forma, entender o processo de elaboração do novo quadro conceitual de Prebisch e Furtado é alvo das próximas seções.

3. Raúl Prebisch e a Crise de Insuficiência Dinâmica

Na década de 1960, Raúl Prebisch inaugura o debate da Crise do Pensamento Desenvolvimentista com um diagnóstico reformista. Ainda dentro da Cepal, em sua obra *Dinâmica do Desenvolvimento Latino-Americano* (1968) é exposto a nova percepção do autor com relação ao esgotamento do processo de desenvolvimento. Posteriormente, em *Transformação e Desenvolvimento* (1973), Prebisch já escreve como secretário geral da *United Nations Conference on Trade and Development* (UNCTAD), onde apresenta os princípios que norteiam sua nova estratégia de desenvolvimento de cunho reformista.

Gurrieri (2011) identifica nas obras de Prebisch uma dissociação com o programa inicial da Cepal. Além de estabelecer críticas com respeito aos rumos que vem tomando o processo de industrialização substitutiva, o autor passa a englobar outras áreas de conhecimento em seu posicionamento, utilizando posições sociológicas para interpretar a estrutura social latino-americana. À vista disso, a teorização de Prebisch tende a tomar dois rumos que serão tratados ao longo desta seção. O primeiro, retrata um seguimento de suas reflexões sobre o desequilíbrio externo que assola os países latino-americanos, inserindo a cooperação internacional como ferramenta para conter tal

problema. O segundo, alude a implementação em seu diagnóstico de que também havia um estrangulamento interno na economia, que era refletido na incapacidade da América Latina em alcançar uma taxa adequada de acumulação, tendo em vista que o capital na região tem uma utilização incoerente com os propósitos do desenvolvimento.

Com base nessa questão, as observações de Prebisch nos anos de 1960 retiravam o papel passivo da desigualdade social dentro da Teoria do Desenvolvimento, reconhecendo que a “estrutura social predominante na América Latina opõe um sério obstáculo ao progresso técnico, e por conseguinte, ao desenvolvimento econômico e social” (1968, p. 12). Tal evidência se manifesta nos seguintes fatores: (i) a estrutura social entorpece a mobilidade social; (ii) a distribuição de renda privilegiada debilita, ou até mesmo elimina, o incentivo a atividade econômica, em detrimento a utilização eficaz do trabalho, do uso da terra e do capital; por último, (iii) o privilégio distributivo se traduz em padrões de consumo exagerados, ao invés de expandir o ritmo de acumulação de capital.

Na percepção de Prebisch, o avanço do processo substitutivo na América Latina demonstrou que a industrialização não seria capaz de corrigir fatores que inibem o desenvolvimento, aliás, este processo estava agravando a dicotomia entre o econômico e o social. Este desequilíbrio era manifesto com o crescimento da população, havendo uma tendência à emigração do campo para as cidades, que ocasionava em um tipo de urbanização problemática. Este distúrbio estava na estrutura econômica e social da região, pois a estrutura da terra mantinha a renda concentrada no campo e gasta improdutivamente nas cidades, distorcendo a distribuição geográfica da renda e contribuindo para elevação dos níveis de desemprego devido a incapacidade da indústria de absorver toda mão-de-obra⁷ (PREBISCH, 1968).

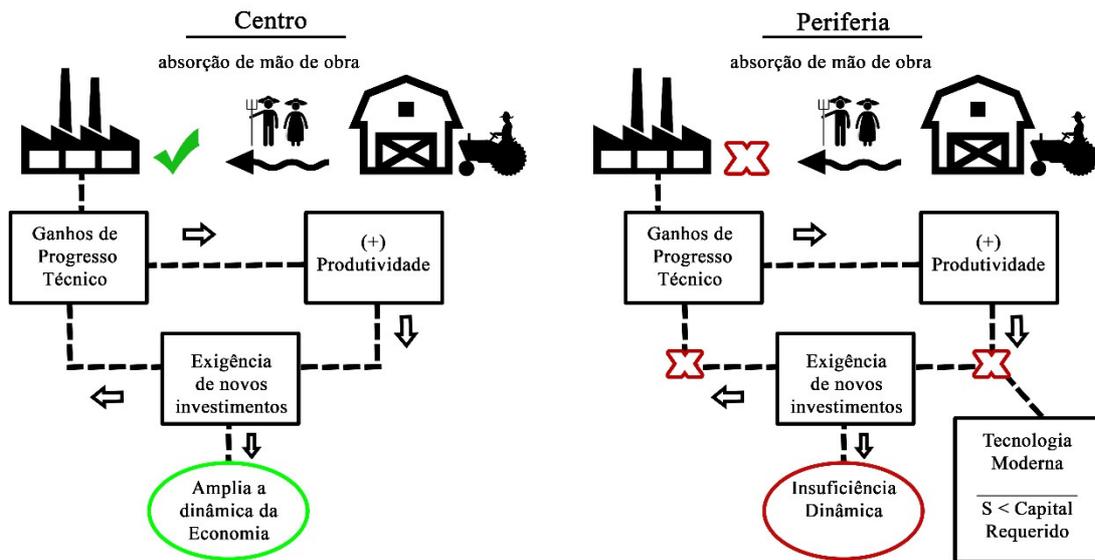
Como uma proporção sensível do aumento da população ativa não é absorvido no processo produtivo, o desemprego se torna o ponto de partida da teorização do autor, sendo ele estrutural. Prebisch (1968) utiliza o conceito de “suficiência dinâmica” como parâmetro de avaliação do desempenho da economia em seu novo diagnóstico. Desta forma, a capacidade de absorção produtiva da força de trabalho, não seu nível de crescimento do produto, determinaria o dinamismo de uma economia⁸. Na compreensão de Gurrieri (2011), este novo conceito representa uma continuidade do pensamento do autor, uma vez que fatores como geração, distribuição, propagação e o uso do progresso técnico que anteriormente eram negligenciados, agora deslocam ao centro do debate.

⁷ A terra se encontrava na mão de poucos, por consequência, não garantia o uso eficiente da terra. O resultado era a ampliação do excedente da mão de obra e subemprego, desencadeando em um processo urbanização desenfreado (PREBISCH, 1968).

⁸ Suficiência dinâmica é um conceito operacional para mensurar o dinamismo econômico. Em sua obra *Desenvolvimento e Transformação* (1973), Prebisch utiliza este conceito para realizar projeções com intuito de determinar o esforço que uma economia necessita fazer para alcançar o nível de absorção necessário para controlar o processo de urbanização em um determinado período.

A luz dessas características, a América Latina situava-se em uma crise de insuficiência dinâmica⁹, pois “seu ritmo de desenvolvimento não foi capaz de responder às exigências peremptórias da expansão demográfica e é enorme o potencial humano que se desperdiça de uma ou outra forma, em detrimento da economia, da equidade distributiva e da convivência social” (PREBISCH, 1973, p. 3). De acordo com o mecanismo de análise de insuficiência dinâmica, o protagonismo da indústria e das atividades conexas a ela justificam o fenômeno da urbanização descontrolada. De modo geral, estes setores mencionados tendem a crescer mais rápido que o nível da renda atraindo desempregados e a população do campo em busca de rendimentos maiores, sendo assim, a indústria adquire o papel de absorver a mão de obra. Sob a hipótese da indústria cumprir a sua função de absorção, a produtividade do setor agrícola é ampliada com a absorção da sua ociosidade pela indústria. Ainda neste raciocínio, os ganhos com progresso técnico de uma economia resultam em ganhos de produtividade, que em contrapartida exigem novos investimentos, em paralelo, uma taxa mínima de aumento da renda para o seguimento do processo de acumulação. (PREBISCH, 1968). A figura abaixo (FIG. 2) delinea com clareza a postulação apresentada.

Figura 2 – Prebisch e a Crise de Insuficiência dinâmica



Fonte: realizado pelo próprio autor.

Como exposto na figura, sendo cumprido essas exigências, o resultado deste mecanismo está na ampliação da demanda da economia, por resultado, reaquecendo a dinâmica da economia e impulsionando um novo ciclo. Entretanto, na América Latina há um descompasso no que tange a questão da exigência por um certo nível de investimento, uma vez que o capital requerido na periferia,

⁹ Como aponta Gurrieri (2011), é importante esclarecer o conceito de “insuficiência dinâmica”, pois pode levar erroneamente a compreensão de que indica algum tipo de estagnação econômica, como tratado na seção seguinte em Furtado. O conceito se refere a capacidade de absorção da economia, sendo assim, pode indicar um baixo dinamismo da economia, não mais do que isso.

via de regra, é superior à poupança da região, que já apresenta um nível baixo, não o bastante, é desviada pelas classes altas para satisfazer padrões de consumo supérfluo. Ainda que fosse o único problema, Prebisch (1968) acrescenta o fato da periferia não obter o comando do seu progresso técnico¹⁰ causa complicações ao utilizar uma tecnologia planejada para um nível de desenvolvimento distinto do seu.

As contradições da propagação do progresso técnico é outro ponto abordado no que tange aos empecilhos para a dinâmica econômica. Para o autor, os países latino-americanos carecem de medidas para elevar sua produtividade, por resultado, imobiliza sua capacidade em absorção de mão de obra. A discrepância deste problema reside na assimilação da técnica moderna, cuja sua elaboração é efetuada em grandes centros e preparada para poupar mão de obra e alarga o volume demandado de capital. Diferente do centro que tem capital em excesso e mão de obra limitada, a estrutura da periferia carece de aptidão para formar capital, e em contrapartida tem um excesso de oferta de trabalho, conduzindo a região em um dilema onde assimilar novas técnicas amplia ainda mais o desemprego e a má distribuição da renda, isto é, agrava a insuficiência dinâmica (PREBISCH, 1968).

Apesar dessa contradição, deixar de absorver técnicas modernas seria um retrocesso aos países latino-americanos, mesmo com o constante agravamento do problema da insuficiência. Prebisch (1968) deixa claro que não há soluções espontâneas, e que o problema é de difícil solução, pois os empresários não levam em consideração o emprego da mão de obra em seu cálculo econômico, muito pelo contrário, consideram apenas a redução imediata dos custos. Uma possível solução estaria em encontrar uma relação entre o custo do trabalho e do capital que, simultaneamente, assegure o emprego ótimo de mão de obra, em outras palavras, seria buscar uma combinação que permita a maior absorção compatível com o incremento máximo do produto, o que exige atuação por parte do Estado dentro do processo de propagação da técnica.

Ainda dentro dessa temática, o fenômeno da deterioração dos termos de troca que foi plano de fundo da formulação teórica de Prebisch desde seu primeiro texto na Cepal recebe agora um determinante também interno. Anteriormente, o conceito retratava a perda dos produtos primários no comércio internacional frente aos produtos manufaturados devido a sua elasticidade-renda da demanda. A partir de então, a incapacidade da indústria em absorver mão de obra do campo também influenciava a queda do nível de preço dos produtos primários, sendo que os ganhos de produtividade do campo ao invés de transmitidos ao salário eram convertido em lucros elevados aos proprietários que expandiam a produção para além do ritmo da procura, provocando a queda do nível de preço dos produtos primários (PREBISCH, 1968, p. 99).

¹⁰ Isto é, a periferia não obtém domínio de um sistema de inovação, a tecnologia utilizada além de já existir deve ser adquirida via importação dos grandes centros econômicos (PREBISCH, 1968).

O modelo desenvolvimento *hacia adentro* vigente também é alvo de críticas do autor, por razão do desenvolvimento baseado nas exportações de bens primários em apoio ao processo de substituição de importações está se esgotado nos países que mais avançaram no processo de industrialização. Vem se praticando na América Latina um protecionismo exagerado, constituindo uma indústria isolada do resto do mundo com custos elevados e sem qualquer critério econômico, isto é, prevalecendo apenas diretrizes imediatistas. Conforme Prebisch (1973, p. 196), formou-se uma

industrialização ineficiente e cara, pela consabida estreiteza dos mercados e o fraco incentivo da concorrência, leva dentro de si mesma o germe de sua própria debilitação dinâmica, pois se desenvolve num regime autônomo de custos e preços que – por não ter contato com mercado internacional – desestimula as exportações de produtos industriais, que são verdadeiramente indispensáveis, uma vez que a indústria precisa voltar-se para fora do país a fim de se desenvolver internamente em profundidade.

A cooperação internacional¹¹ vem sendo a opção escolhida por Prebisch para atenuar tais problemas e obter uma melhor articulação dentro do mercado mundial. Na visão do autor uma política de cooperação deveria envolver a combinação de esforços internos e externos, se fragmentando em uma cooperação no âmbito financeiro e comercial (PREBISCH, 1973). Primeiramente, A cooperação financeira está vinculada a resolução das dificuldades do âmbito interno entre as economias latino-americanas, assim permitindo evitar um esforço individual de acumulação profundo e prolongado. Esta cooperação tem por base a complementação da poupança interna, podendo reduzir a dependência do capital estrangeiro, a fim de manter a reciprocidade e reduzir o poder dos credores. O repasse de recurso deveria, impreterivelmente, ser realizado por instituições multilaterais guiadas com base nos princípios do multilateralismo financeiro (PREBISCH, 2011a).

No caso dos persistentes problemas de estrangulamento externo, o combate seria efetuado por uma cooperação comercial. A base da proposta de cooperação está no incentivo à exportação de manufaturas. Devido ao centro capitalista se mostrar fechado para importar manufaturas da periferia, o esforço de industrialização tem se voltado para o mercado interno, por consequência, alcançando pontos de estrangulamento. Neste panorama, cabe aos países latino-americanos expandirem seus respectivos comércios com base na própria região, a proximidade entre estes países era acompanhada apenas por um pequeno intercâmbio de produtos primários entre os países da América Latina Meridional. De acordo com Prebisch (2011a), essa postura deveria ser alterada, a regionalização do processo de substituição de importações¹² seria o caminho indicado para dar continuidade em um projeto de industrialização planejado.

¹¹ Prebisch já vem trabalhando desde a segunda metade da década de 1950 neste tema, formalizando uma estratégia de desenvolvimento para criação de um Mercado Comum Latino-americano (GONÇALVES, 2011).

¹² A regionalização do processo de substituição deveria garantir ao setor industrial obter ganhos de escala externos e especialização produtiva industrial entre as economias da região. Por resultado, ampliando a capacidade de sobrevivência da indústria da América Latina.

Tratando do caso das inflexibilidades estruturais internas, Prebisch aponta para a necessidade de introduzir mudanças que são pré-requisitos essenciais, as reformas de base e estruturais. Fatores como expansão de mercados, definir tecnologia, ampliar a capacidade de poupança são ingredientes fundamentais para modernização da estrutura econômica, no entanto, reformas estruturais dentro do sistema político e social sob a atuação deliberada do Estado são precondições para evitar o fracasso de projeto de desenvolvimento (PREBISCH, 1973). Neste caso, o receituário para a crise de Prebisch expõe algumas medidas que deveriam estar na agenda das economias da América Latina.

A péssima distribuição da renda criou na América Latina uma classe com padrão de renda elevada que desfruta dos benefícios oferecidos pela tecnologia moderna alimentando a demanda de indústrias com menor absorção de mão de obra. Como parte considerável do consumo dessa classe advém de privilégios da sua posição dominante, o progresso técnico se torna refém dessa estrutura de renda que inibe qualquer incentivo ao desenvolvimento. Em função disso, Prebisch (1973) levanta a necessidade de compreensão do consumo destes grupos minoritários em conjunto da utilização de progressivas medidas de redistribuição de renda, com o intuito de estender um esforço maior de poupança. Com o aumento da renda alcançando as camadas inferiores propenderá, portanto, a absorção de maior quantidade de mão de obra por unidade de capital investido¹³.

Outro fator debilitante do desenvolvimento está na estrutura agrária da América Latina, visto que ela atua como um obstáculo estrutural privando a mobilidade social e enfraquece o progresso técnico. As causas desse problema se vinculam a forma arcaica do regime de posses moldado pela monopolização da terra em poucas mãos e a proliferação de minifúndios, em contrapartida, o fato de haver uma oferta abundante de mão de obra auxilia ainda mais a apropriação dos frutos do progresso técnico pelos grandes proprietários de terra. Na compreensão de Prebisch (1973, p. 195),

Enquanto não se transforme a estrutura agrária, a fim de dar terra ao camponês que não a tem e aumentar a superfície do que a tem, na medida em que torne possível a pressão demográfica. Desta forma, poderá aquele participar de modo mais equitativo das vantagens do progresso técnico [...]. Sem isso, a disparidade social continuaria se acentuando.

Com efeito, a solução para Prebisch (1973) está além de programas meramente redistributivos, é necessário modificações profundas e radicais, como a implementação de uma reforma agrária. O crescimento populacional é outro tema abordado pelo autor¹⁴, uma vez que o extraordinário crescimento da população vem exigindo um ritmo de desenvolvimento cada vez maior para região. Segundo Prebisch, os avanços científicos e tecnológicos que a região vem acompanhando fizeram reduzir significativamente a taxa de mortalidade, em oposição a isso, não houveram modificações

¹³ Por razão da reorientação da demanda levantar indústrias com maior absorção por capital investido.

¹⁴ Prebisch em sua obra *Dinâmica do Desenvolvimento Latino-Americano* (1968) evita discutir o crescimento populacional, apesar de reconhece-lo como um grave entrave, o autor considera o assunto delicado e que feriu os sentimentos latino-americanos. Entretanto, em uma de suas obras posterior *Transformação e Desenvolvimento* (1973) aponta a necessidade de discutir o tema o quanto antes.

psicológicas no que tange a atitude das famílias com respeito a taxa de natalidade. Neste contexto, o receituário de Prebisch levanta a necessidade de políticas demográficas com base essencial no papel da educação. O autor ressalta que a taxa de natalidade da região descerá espontaneamente à medida que avança o desenvolvimento, com a melhora de alguns hábitos familiares, porém, quanto antes difundir esses hábitos e praticar medidas de controle de natalidade, mais depressa se poderá corrigir tal distúrbio que pressiona a suficiência dinâmica da América Latina (PREBISCH, 1973).

O conjunto de medidas apontadas por Prebisch se apoiam na eficácia do planejamento econômico. De acordo com o autor, há uma crise de planejamento na América Latina, que representa “alguma coisa a mais do que a crise de um método ou de uma técnica, pois os obstáculos que se opõem ao planejamento são os mesmos que dificultam o avanço da concepção estratégica do desenvolvimento” (PREBISCH, 1973, p. 219). A problemática não está apenas sob os responsáveis pelo planejamento, isto vai além, o próprio conceito de planejar, ou interferir, recebe resistência na América Latina, a ação do Estado tem sido admitida para preservação da ordem existente, quando se trata de modificá-la revelam-se incontáveis barreiras.

Em síntese, o diagnóstico da crise da década de 1960 de Prebisch prevê a necessidade de englobar problemas internos da região que repeliam a dinâmica da economia, tudo isso sem alterar a validade da sua análise inicial sobre a tendência ao estrangulamento externo. Com respeito a crise prevalecte, sob as palavras do autor,

uma grande tarefa que se tem pela frente. É de grande importância a estrutura do poder; e também possuem importância em alto grau as ideias que guiam a quem dela participa, a convicção de que é possível, com grande esforço, superar esta crise e dar um forte impulso ao desenvolvimento, sem continuar a sacrificar a equidade distributiva, nem comprometer o próprio sentido da coesão nacional. Não contando com isso, o desenvolvimento não poderia assentar-se em bases firmes e duradouras (PREBISCH, 1973, p. 224).

4. Celso Furtado e a Tendência Inexorável à Estagnação

O diagnóstico da crise dos anos de 1960 em Celso Furtado tece uma grave conclusão, o autor alega que o avanço do processo de industrialização periférica vem encontrando seu limite em consequência de fatores estruturais, em outras palavras, defende uma tese que declara uma tendência inexorável à estagnação nas economias latino-americanas. Diferente de Raúl Prebisch com seu diagnóstico de insuficiência dinâmica visto anteriormente, Bielschowsky (2000a) identifica em Furtado um tom mais pessimista e efêmero em sua reflexão da crise.

O argumento de Furtado tem sua construção na obra *Dialética do Subdesenvolvimento* (1964)¹⁵, ao qual, reúne diversos ensaios conciliando para a essência do problema do subdesenvolvimento e as causas da recente crise que atravessa a região. Em sua obra subsequente *Subdesenvolvimento e Estagnação na América Latina* (1968), Furtado reafirma suas conclusões formalizando em um modelo teórico o problema do crescimento econômico da região. Neste período, Furtado não mantém mais seu vínculo direto com a Cepal, a queda do regime democrático no Brasil no ano de 1964 exigiu que o autor se exila-se, passando a se dedicar a carreira acadêmica no exterior¹⁶.

A base metodológica de Furtado na década de 1960 tem início no resgate dentro da tradição do pensamento marxista¹⁷ de um modelo dinâmico de representação da realidade social, a dialética. Marx ao identificar as forças primárias que provocam reações sob a forma que o processo de desenvolvimento histórico é apresentado, dirige sua atenção as relações de produção e a estrutura social. Como pontua Furtado (1964, p. 19), dentro da proposta de Marx, “toda vez que em determinadas condições históricas avança a tecnologia e se desenvolve as bases materiais, todos os demais elementos serão chamados a ajustar-se”. Assim concluindo que as alterações na estrutura social – superestrutura – estão condicionadas a modificações na estrutura econômica – infraestrutura.

Partindo dessa compreensão Furtado (1964, p. 23) percebe a incapacidade da análise econômica moderna em “captar os fenômenos econômicos em desenvolvimento, como aspecto de um processo mais amplo de mudança social”. Deste modo, se atividades e hábitos – inovações – absorvidas de outras culturas provocam reações que repercutem em toda esfera social. Portanto, o desenvolvimento econômico deve ser compreendido também por um processo de mudança social, onde as necessidades humanas são satisfeitas através de alterações no sistema produtivo decorrente de inovações tecnológicas.

Tendo em vista que as inovações tecnológicas provocam um acréscimo no excedente econômico, podendo ser utilizado para ampliar a capacidade produtiva ou na melhoria imediata do bem-estar social, o próprio mecanismo de apropriação do excedente deriva em um conflito social, ou como intitulado por Marx, resulta na luta de classes. Conforme Furtado (1964), tal conflito não causa o entorpecimento do desenvolvimento econômico, muito pelo contrário, ele atua como motor do capitalismo. Pressões por parte dos trabalhadores em busca de ampliar sua participação nos frutos do desenvolvimento não comprometem o desempenho do capitalista sob pena de redução da sua poupança, uma vez que a classe capitalista é capaz de contra-atacar com o uso de inovações

¹⁵ Dentro da obra *Desenvolvimento e Subdesenvolvimento* (2009) já se encontra de forma mais branda discussões sobre a distribuição de renda como entrave ao desenvolvimento, Bielschowsky (2011) alega que Furtado foi o primeiro a tratar do problema dentre os estruturalistas.

¹⁶ Mais informações com relação a trajetória intelectual de Celso Furtado em Guimarães (2001).

¹⁷ Furtado (1989) argumenta que ao colocar a análise das estruturas sociais e econômicas como forma de compreender o comportamento dos agentes, os estruturalistas tem influência teórica de cunho marxista.

tecnológicas capazes de compensar a margem do aumento dos salários, sendo assim, o próprio conflito de classes resulta em impulsos no avanço do progresso técnico. E os países do centro não demoraram a notar os benefícios desse conflito, permitindo que este processo fosse institucionalizado com a utilização de sindicatos e demais mecanismos. Em função disso, pressões por salários maiores em conjunto da demanda por menor carga horária de trabalho por parte da classe trabalhadora exige um aperfeiçoamento do processo de inovação. Ao se referir aos benefícios da luta de classe, Furtado alude a uma redução mais-valia relativa vide ao incremento tecnológico que vem reduzindo a quantidade de trabalho necessária atinge a classe trabalhadora com a redução da jornada de trabalho, ao invés de ser apropriado totalmente pelo capitalista.

Ter o comando do progresso técnico é um conceito chave para interpretação de Furtado. O fato das economias subdesenvolvidas absorverem tecnologia de grandes centros, a adaptação desta tecnologia torna-se de imediato um problema de maior complexidade, pois o processo de industrialização periférico é tardio e sem a eliminação do setor pré-existente¹⁸. Tal estrutura dual quando entra em contato com as tecnologias modernas terminam por agravar ainda mais o dualismo entre as estruturas econômicas, devido a composição da tecnologia que utiliza o mecanismo de poupar mão de obra, criando um entrave no processo de absorção da força de trabalho e produzindo subemprego.

Por consequência, o fato da periferia não ter o comando do seu progresso técnico impede-a de utilizar uma tecnologia apropriável ao seu estilo de desenvolvimento¹⁹, tendo também reflexos na dificuldade em solucionar o conflito de classes, pois pressões por salário acabam tendo que ser resolvidas no campo político, por conseguinte, perdendo um dos fatores essenciais do dinamismo capitalista. Tais contradições da estrutura periférica dirigem Furtado a um diagnóstico reformista e o deslocamento para problemática da estrutura interna. Para o autor, sendo o desenvolvimento econômico “fundamentalmente um processo de incorporação e propagação de novas técnicas, implica em modificações de tipo estrutural, tanto no sistema de produção como no de distribuição” (FURTADO, 1964, p. 61).

Diante da exposição, na percepção de Furtado (1964), a causa da crise era estrutural, e estava relacionada a formas anacrônicas de distribuição de renda presentes na América Latina. A estrutura social concentrada se traduzia em insuficiência na demanda final para o consumo e investimento, distorcendo a utilização do produto social – o excedente –, sendo condição necessária do processo de acumulação de capital. Sob as palavras do autor:

¹⁸ A estrutura periférica sofria com o fenômeno da heterogeneidade estrutural, sendo que uma estrutura moderna convivia com estruturas anacrônicas, ou pré-capitalistas. Em razão disso, a estrutura permanece com a mão de obra ilimitada, tornando a oferta de mão de obra elástica, consequentemente, dificultando elevação dos níveis de salário (FURTADO, 1968).

¹⁹ Conclusão análoga a apresentada em Prebisch (1963).

não apenas da acumulação depende o desenvolvimento. Apóia-se este, igualmente, na força dinâmica que surge nas sociedades sob a forma de impulso para a melhoria das condições de vida. Se o incremento do produto, decorrente da acumulação, permanecesse indefinidamente concentrado nas mãos dos pequenos grupos dirigentes, o processo de formação de capital tenderia a um ponto de saturação. É porque parte apreciável desse novo produto se distribui entre as massas trabalhadoras, que o desenvolvimento pode-se seguir adiante (FURTADO, 1964, p. 62).

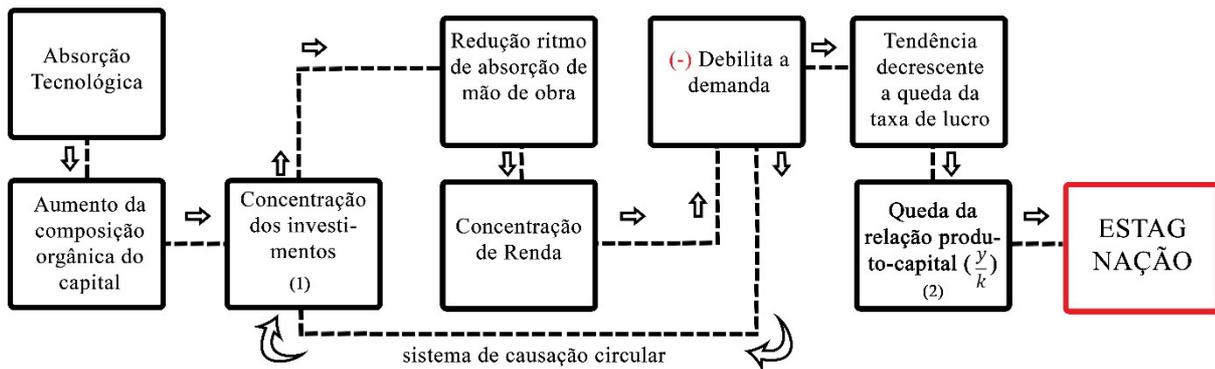
Em síntese, Furtado na década de 1960 vê a permanência do subdesenvolvimento como um problema em termos da estrutura social e seus reflexos na propagação do progresso técnico. Tal estrutura é a raiz de uma tendência à estagnação que caracteriza as atuais economias em condições periféricas. Furtado em *Dialética do Subdesenvolvimento* (1964) se preocupou com a origem do reduzido dinamismo interno, entretanto sem se dirigir diretamente ao problema do crescimento das economias subdesenvolvidas, tarefa que o autor executa na obra *Subdesenvolvimento e Estagnação na América Latina* (1968).

Como exposto por Furtado, ao longo dos anos de 1960 “a experiência tem demonstrado na América Latina, que esse tipo de industrialização substitutiva tende a perder impulso quando se esgota a fase das substituições ‘fáceis’, e eventualmente provoca estagnação” (FURTADO, 1968, p. 39). Em busca de compreender o alcance deste processo de industrialização, Furtado analisa o problema do crescimento na fase “difícil” do processo de industrialização. A análise da presente etapa do processo substitutivo tem a alteração da composição da tecnologia como ponto de partida. O setor BCD apresenta um elevado coeficiente de capital, o que determina um nível maior de investimento necessário para o emprego de uma mão de obra, isto é, ele poupa mão de obra. No caso dos BK, o setor tem por empecilho as dimensões do mercado da América Latina que não comportam as suas exigências, forçando atuações com capacidade ociosa, ademais, havia a questão da falta de um adequado meio de financiamento. Neste cenário, a única maneira de desenvolver tal setor está com o alcance dos preços relativos a níveis extremamente elevados (FURTADO, 1968).

A ênfase no fenômeno da estagnação descrito por Furtado se encontra na evolução decrescente da relação produto-capital²⁰ com a predominância da indústria moderna. O prelúdio do esquema teórico de Furtado está em contradições do sistema tecnológicos com técnicas cada vez mais intensivas em capital, reduzindo a absorção de mão de obra, conseqüentemente, promovendo a concentração funcional da renda e uma estrutura de demanda altamente concentrada. A figura abaixo busca sintetizar o processo de estagnação descrito por Furtado.

Figura 3. Tese de tendência à estagnação de Celso Furtado

²⁰ A relação produto-capital determina que o acréscimo de produção é determinado pelo acréscimo de capital, com o declínio da relação se traduz em contradições na taxa de lucro com efeitos negativos na poupança (FURTADO, 1968).



(1) - Em indústrias com maior relação capital-trabalho ($\frac{k}{\gamma}$).

(2). Garantido pela hipótese que os salários são estáveis (\bar{w}).

Fonte: realizado pelo próprio autor.

Como exposto na figura (Fig. 3), a concentração de renda estava sendo determinada e realimentada pelo próprio mecanismo de desenvolvimento estabelecido na América Latina, visto que o elevado coeficiente de capital causa uma nova concentração de renda²¹ reduzindo progressivamente a participação das massas salariais com relação ao produto, assim desencadeando em um processo de causação circular. Com efeito de salários estáveis²², resulta na redução da taxa de crescimento com o declínio da relação produto-capital. Em síntese:

À medida que a industrialização prosseguia na direção de estágios mais avançados, os novos setores não só eram cada vez mais intensivos em capital, como exigiam cada vez maiores escalas. [...] O resultado seria uma tendência simultânea à queda na taxa de lucro, à redução na participação dos salários na renda e à falta de mercado consumidor para os novos produtos, com conseqüente perda de dinamismo e tendência à estagnação (BIESCHOWSKY, 2000a, p. 72).

A tese de estagnação de Furtado extrapola uma teoria do crescimento econômico devido a sua ligação com a estrutura social. Furtado (1968), levanta dois atores que vem agravando o processo de distribuição de renda na América Latina. O primeiro, retrata a uma pequena parcela da população que mantém padrões de consumo mimetizados de classes de renda elevada de centro capitalistas. Estas classes de renda elevada vem modificando a composição da demanda e determinando uma estrutura produtiva industrial com baixo padrão empregador e que reforça o efeito concentrador de renda. O segundo, refere as indústrias transnacionais que vem retirando a primazia do Estado nas decisões do planejamento econômico. Isto pode ser evidenciado pelos equipamentos adquiridos pelas empresas de suas matrizes no exterior, tal equipamento não comporta a necessidade de uma estrutura periférica, ao invés de poupar matéria prima, ou até mesmo simplificar os processos produtivos, as transnacionais selecionam a tecnologia com elevado coeficiente de capital.

²¹ Sob a hipótese que os investimentos se concentram nas indústrias com maior relação capital-trabalho.

²² Assumindo a hipótese de que os salários são determinados por fatores exógenos ao mercado na periferia, eles se mantêm estáveis (FURTADO, 1968).

Verifica-se, assim, que para Furtado a natureza do problema é de caráter essencialmente estrutural, a industrialização não promoveu o desenvolvimento, muito pelo contrário, apenas a sua modernização para um tipo de economia em que os ganhos com o aumento da renda são absorvidos por uma pequena minoria em benefício de um padrão de vida despreocupado sem relação alguma com qualquer tipo de plano de desenvolvimento nacional, cujo a má distribuição da renda se torna o traço essencial da nova estrutura condenada à estagnação.

Dado estas conclusões, o receituário de Furtado para o novo panorama do desenvolvimento da América Latina não reside em uma proposta de domínio puramente econômico, envolve questões políticas, sociais, recorrendo a alterações em todo marco institucional. Para Furtado reformas pesadas na estrutura da terra – reforma agrária – e envolvendo medidas de distribuição de renda deveriam ser viabilizadas, retomando e ampliando o papel do Estado no que tange o planejamento econômico como ferramenta efetiva para enfrentar as mazelas do subdesenvolvimento. Superar tal crise, na percepção de Furtado, seria modificar toda estrutura econômica e social, cabendo um tipo de revolução social planejada que envolve-se o engajamento de toda população em um projeto nacionalista cuja finalidade principal está na superação do subdesenvolvimento, tendo a burguesia nacional um papel central, sobrepondo os interesses das classes dominantes.

Como afirma Bielschowsky (2000a), a formação das economias periféricas deixou uma estrutura da terra sob controle de uma pequena minoria representada por latifundiários rentistas que distorciam o uso do excedente econômico. Assim, defesa da necessidade de uma reforma agrária, em Furtado, se embasa em modificar toda estrutura concentrada que é raiz de uma economia colonial escravocrata. Os benefícios conquistados com a reforma traria proveitos com a geração de uma poupança potencial disponível para fins de investimento produtivo, e ampliação do mercado interno fornecendo acesso à terra ao camponês.

O marco político é outra importante reforma. Para Furtado (1968), a formulação de uma política de desenvolvimento para a América Latina está atrelado a capacidade dos líderes motivarem a mobilização ativa na política por massas crescentes. Um projeto nacionalista é o propósito do autor, onde o desenvolvimento seria conduzido por centros políticos nacionais com base nos valores e ideias de cada nacionalidade.

A preocupação de Furtado com a situação política da região está vinculada ao contexto da época. Ainda no ano de 1963, Furtado dentro do Ministério do Planejamento no Brasil implementou o Plano Trienal²³, ao qual, objetivou após reestabelecer a situação econômica do país, implementar medidas de justiça social como reforma agrária, isto é, utilizar um receituário reformista como saída da crise que o país enfrentava (BIELSCHOWSKY, 2000). Após o ano de 1964, com a queda do

²³ O Plano Trienal foi abandonado alguns meses após o anúncio devido à crise política (BIELSCHOWSKY, 2000).

regime democrático no Brasil, as diretrizes políticas do regime militar substituem o enfoque reformista de Furtado, tendo agora dentro do Plano de Ação Econômica do Governo (PAEG) uma reforma salarial como principal medida anti-inflacionário, que atuava deteriorando o salário real da grande massa da população²⁴.

Tendo tratado da problemática do subdesenvolvimento, o receituário de Celso Furtado dos anos de 1960 afirma que apenas com uma ampla participação social com apoio de um forte marco político, junto com a realização de importantes reformas – na estrutura agrária e da renda –, poderia ser contornado a presente crise que é de caráter essencialmente estrutural. Como consequência, haveria uma ampliação do consumo na direção dos produtos industriais, desta maneira, apoiando a fase difícil do processo de industrialização, podendo deste modo reestabelecer o dinamismo com a recomposição dos investimentos industriais, isto é, efetuar a retomada de um projeto de desenvolvimento de forma não-excludente e democrática.

5. Breves Considerações sobre o Pensamento de Raúl Prebisch e Celso Furtado

A partir da discussão empreendida, é possível pensar na Crise do Pensamento Desenvolvimentismo da década de 1960 como um marco no pensamento de Furtado e Prebisch. Celso Furtado sob a visão da “tendência à estagnação” e Prebisch com a “insuficiência dinâmica” lograram a imagem de que o estilo de desenvolvimento deveria ser alterado, exigindo transformações e reformas na estrutura da América Latina, se consolidava um receituário reformista para a crise. A proposta dos autores recai não apenas em uma melhor distribuição de renda e de profundas reformas na estrutura da terra, abrange modificações no processo tecnológico, cultural e educacional. De forma geral, exigem profundas transformações nas instituições políticas com intuito de viabilizar um Estado capaz de implementar tais reformas dentro do projeto desenvolvimentista.

Bielschowsky (2011) aponta que tanto em Furtado quanto em Prebisch é possível notar o seguimento do método de contrastar a periferia com o centro, assim fortalecendo o argumento que a estrutura latino-americana, ao contrário do centro, permanece com sua heterogeneidade estrutural e que isso reflete em contradições na estrutura produtiva e distributiva, pois mantém uma abundância de mão de obra não permitindo a adequada transmissão da produtividade aos rendimentos dos trabalhadores.

Apesar de conclusões semelhantes há divergências na tese de ambos os autores, além do diagnóstico de Furtado apresentar conclusões mais radicais, Bielschowsky (2000a) alega que na proposta de reforma agrária em Prebisch não apresenta o argumento de que auxilia na industrialização

²⁴ Para mais informações com respeito as medidas utilizadas no PAEG ver em Lara-Resende (2014).

com o incremento no mercado interno como em Furtado, a ênfase de Prebisch recai na necessidade de investimento produtivo para absorção da mão de obra, diferente de Furtado que se concentra na importância da demanda, ou mercado interno. Outro ponto importante está no problema da absorção tecnológica e suas contradições, ambos os autores convergem para compreensão que a tecnologia do centro está preparada para um nível de desenvolvimento distinta da presente na periferia. Como visto, o caráter da tecnologia moderna implica em poupar mão de obra e na ampliação do coeficiente de capital. Bielschowsky (2000a) sublinha que os autores tem visões diferentes no que tange os resultados deste fenômeno, em Prebisch implica na ampliação da insuficiência dinâmica da economia, por sua vez, em Furtado as causas afetam a insuficiência da demanda. O quadro abaixo busca sintetizar as principais divergências entre o pensamento de ambos os autores apresentadas ao longo deste estudo.

Figura 3 - Síntese dos elementos analíticos que compõe o pensamento de Furtado e Prebisch na década de 1960

Elementos	Celso Furtado	Raúl Prebisch
Fase Anterior (CEPAL)	Convergência Teórica Metodológica	
Diagnóstico	Bloqueio estrutural no avanço do processo de industrialização em sua fase avançada	Limitações da estrutura Interna debilitam o avanço do progresso técnico e debilita o sistema produtivo
Referência do argumento	Teórica: encontro do estruturalismo com a tradição marxista	Atenção a divisão interna dos frutos do progresso técnico
Consequência do Diagnóstico	Tendência inexorável à estagnação	Ampliação das exigências para superação do subdesenvolvimento (insuficiência dinâmica)
Inserção Internacional (*)	Dependência externa	Dependência externa, Integração Internacional, insuficiência (volume) e composição (não diversificada) das exportações
Condições Estruturais Internas (**)	Problema distributivo, estrutura da terra e produtiva concentrada, absorção tecnologia, capital externo (transnacionais)	Problema distributivo, estrutura da terra e produtiva concentrada, absorção tecnológica, ineficiências no processo substitutivo
Ação Estatal	Conduzir reformas estruturais de base, transformação do Marco Político, participação social	Conduzir reformas estruturais de base, recuperar eficiência do Estado, políticas demográficas
Enfoque	Demanda (mercado interno)	Produção (absorção da força de trabalho)
Outros	Democracia, representação social, equidade social, nacionalismo	Crescimento populacional, planejamento econômico
(*) Relação Centro-Periferia e Vulnerabilidade Externa.		
(**) Progresso Técnico, emprego, Distribuição de Renda		

Fonte: realizado pelo próprio autor.

Como definido aqui, a questão do subdesenvolvimento da América Latina ainda permanece como palco de debate para intelectuais renomados como Celso Furtado e Raúl Prebisch ao longo de

todo século XX. Conforme se altera a situação periférica da região, ou se aprofunda os traços de dependência, o pensamento de ambos vem se renovando e trazendo novos diagnósticos e receituários.

Considerações Finais

A preocupação fundamental e objetiva de Raúl Prebisch e Celso Furtado esteve sempre na questão da superação do subdesenvolvimento da América Latina. Na década de 1960, uma crise desarticula o pensamento desenvolvimentista que designava, de certa maneira, uma identidade entre desenvolvimento e industrialização. O ponto de partida desta pesquisa está em pensar tal crise como teórica, mais precisamente, uma crise do pensamento desenvolvimentista que exigia que intelectuais como Prebisch e Furtado se articulassem e elaborassem novos diagnósticos.

Frente à crise, Prebisch e Furtado deslocam o desenvolvimentismo para um quadro conceitual reformista. Colocando a necessidade do Estado em promover reformas de base e modificações em todo marco institucional. A reforma agrária e medidas de distribuição de renda tem papel central no pensamento de ambos os autores, desta maneira, se dava início a uma linha argumentativa que estabelece o eixo crescimento-distribuição.

Prebisch demonstra vitalidade e capacidade de atualização de seu pensamento. Com ênfase no desemprego estrutural e utilizando o conceito de insuficiência dinâmica, Prebisch aponta a incapacidade da estrutura econômica da América Latina em incorporar sua força de trabalho. A causa deste malefício não estava na falta de capital, ao contrário, a raiz do problema estava na estrutura social e na composição da tecnologia moderna que poupa mão de obra. Furtado, por sua vez, apresenta uma percepção bem mais radical com relação a crise. Furtado infere a impossibilidade do avanço do processo de industrialização em sua fase avançada, devido a uma tendência à estagnação representada pela queda da relação produto-capital com o aumento do coeficiente de capital por unidade de trabalho.

Ambos os autores utilizam do método de contrastar o capitalismo do centro com o caso periférico, compreendendo as singularidades de uma economia subdesenvolvida. Todavia há divergências fundamentais nos esquemas teóricos dos autores. Furtado busca dentro da tradição marxista um modelo pra interpretar a estrutura social da região. Em contraste, Prebisch parte do estudo da distribuição dos frutos do progresso técnico dentro da estrutura interna da América Latina.

Outra divergência fundamental se encontra no caso da interpretação do bloqueio estrutural no processo de industrialização periférica. Ao tratar do tema, Furtado é mais cético, indicando que tal bloqueio é o desdobramento de um processo de estagnação presente na estrutura da periferia. Diferente de Furtado, Prebisch alega que há um bloqueio estrutural imposto pela estrutura social da região, porém não indica um processo de estagnação, reflete na baixa dinâmica da economia da economia e

na exigência de um esforço de investimento cada vez maior. Com efeito, Prebisch indica o aumento do esforço necessário para alcançar um padrão desejável de desenvolvimento na América Latina. Mesmo se tratando das reformas estruturais, os autores divergem no impulso que será obtido a partir delas. O argumento de Furtado se apoia ao lado da estrutura da demanda, viabilizando o mercado interno. O enfoque de Prebisch está no emprego da força de trabalho e no investimento produtivo.

Como resultado, a Crise do Pensamento Desenvolvimentista provocou em Furtado e Prebisch uma tomada de consciência, demonstrando que a estrutura interna da América Latina também era responsável por entorpecer o processo de desenvolvimento, assim, adquirindo a estrutura social um papel preponderante na agenda dos anos de 1960. Alterar o estilo de desenvolvimento se tornava fundamental para o seguimento de um projeto de industrialização, ou neste caso, um novo projeto de nação.

Referências Bibliográficas

BIELSCHOWSKY, R. **Pensamento Econômico Brasileiro: o ciclo ideológico do desenvolvimentismo**. 4 ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

_____. Vinte Anos do IERJ, Cinquenta anos de Cepal. In: POLETTI, D. W. (coord.). **50 anos do manifesto da CEPAL**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000a.

_____. Prebisch e Furtado. In: GURRIERI, A. **O Manifesto Latino-Americano e Outros Ensaios**. Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado, 2011.

CARMO SOBRINHO, C. A. **Dependência e Estagnação: o debate sobre a crise dos anos 60**. Dissertação de Mestrado – Instituto de Economia. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

DUARTE, P. H. E.; GRACIOLLI, E. J. A Teoria da Dependência: interpretações sobre o (sub)desenvolvimento na América Latina. Campinas: **V colóquio internacional Marx e Engels**. Campinas, nov, 2007.

FURTADO, C. **Desenvolvimento e Subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, 2009 [1961].

_____. **Dialética do Desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Fundo da Cultura, 1964.

_____. **Subdesenvolvimento e Estagnação na América Latina**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968 [1966].

_____. Entre Inconformismo e Reformismo. **Revista de Economia Política**, v. 9, n. 4, p. 6-28, out/dez. 1989.

GONÇALVES, L. E. F. C. **As Relações Brasil-CEPAL (1947-1964)**. Brasília, Fundação Alexandre de Gusmão, 2011.

GUIMARÃES, J. A Trajetória Intelectual de Celso Furtado. TAVARES, M. C. (org.). **Celso Furtado e o Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

GURRIERI, A. A Economia Política de Raúl Prebisch. In: GURRIERI, A. **O Manifesto Latino-Americano e Outros Ensaio**s. Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado, 2011.

LARA-RESENDE, A. Estabilização e Reforma: 1964-1967. In: ABREU, M. P. (org.). **A Ordem do Progresso: dois séculos de política econômica no Brasil**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Elsevier, 2014.

LESSA, C. Apresentação. In: MALLORQUIN, C. **Celso Furtado: um retrato intelectual**. São Paulo: Xamã; Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

POLLOCK, D. H. Raúl Prebisch Visto desde Washington: una percepción cambiante. **Comércio Exterior**, vol. 37, n. 5, maio, 1987.

PREBISCH, R. O Desenvolvimento Econômico da América Latina e alguns de seus principais problemas. In: GURRIERI, A. **O Manifesto Latino-Americano e Outros Ensaio**s. Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado, 2011 [1949].

_____. **Dinâmica do Desenvolvimento Latino-Americano**. 2 ed. Rio de Janeiro: Fundo da Cultura, 1968 [1963].

_____. Nova Política Comercial para o Desenvolvimento. **O Manifesto Latino-Americano e Outros Ensaio**s. Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado, 2011a [1964].

_____. **Transformação e Desenvolvimento: a grande tarefa da América Latina**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1973 [1970].

RODRÍGUEZ, O. **O Estruturalismo Latino-Americano**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

ROSTOW, W. W. **As etapas do Desenvolvimento Econômico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

SERRA, J. Ciclos e Mudanças Estruturais na Economia Brasileira do Pós-Guerra. In: BELLUZZO, L. G. M; COUTINHO, R. (org.). **Desenvolvimento capitalista no Brasil: ensaios sobre a crise**. Campinas: IE Unicamp, v. 1, 1998.

SERRA, J. Apresentação. In: Serra, J. (Coordenador). **América Latina: ensaios de interpretação econômica**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1976.

TAVARES, M. C. **Da substituição de importações ao capitalismo financeiro: ensaios sobre a economia brasileira**. 6 ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1977.